

DICIONÁRIO FEMININO DA INFÂMIA: ACOLHIMENTO E DIAGNÓSTICO DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA.

RIO DE JANEIRO: EDITORA FIOCRUZ, 2015. 422 P.

Simone Santos Oliveira¹

Lúcia Rotenberg²

O título *Dicionário Feminino da Infâmia* soa como uma provocação, uma estranha combinação de palavras que remete a um conjunto de termos e verbetes sobre a infâmia. Um dicionário da infâmia? E um dicionário qualificado como *feminino*?

Como o bom leitor é aquele que atua sobre as perguntas, que busca dialogar e compreender o autor através da obra, o sumário aparece como um cartão de visitas. A simples consulta ao sumário nos brinda com verbetes os mais diversificados que convidam a pensar o que une *patriarcado*, *estereótipos de gênero* e a *Lei Maria da Penha*.

Agressividade, Emancipação, Estupro, Feminismo, Gravidez, Identidade Sexual, Misoginia, Orgasmo e Racismos alguns dos temas trabalhados cuidadosamente. Termos como *Desigualdades de Gênero, Delegacias de Mulheres e Notificação Compulsória da Violências* e imbricam em suas articulações, ora trazidos da história das civilizações, ou diretamente da grande mídia, ora lembrados como um caso ocorrido na família.

O *Dicionário Feminino da Infâmia: acolhimento e diagnóstico de mulheres em situação de violência*, organizado por Elizabeth Maria Fleury-Teixeira e Stela Nazareth Meneghel, apresenta nas suas 422 páginas, 187 verbetes elaborados por mais de cem autoras e autores de diferentes inserções profissionais, seja em universidades, instituições de pesquisa, agências governamentais, serviços públicos de saúde, seguridade social, segurança pública, jurídicos e organizações não governamentais. Portanto, os verbetes apresentam uma ampla diversidade de visões: sociológica, antropológica, filosófica, psicológica, da saúde coletiva, do direito, dentre outras.

1 Doutora em Saúde Pública pela Fundação Oswaldo Cruz. Fundação Oswaldo Cruz. E-mail: simone@ensp.fiocruz.br

2 Doutora em Neurociências e Comportamento pela Universidade de São Paulo/USP. Fundação Oswaldo Cruz. E-mail: rotenber@ioc.fiocruz.br

Da leitura dos verbetes emerge um elo que permeia a história: o fato de que a infâmia atinge as pessoas de forma desigual; uma desigualdade construída pelos grupos sociais, sendo, portanto, construída e evitável. Alguns verbetes e trechos do Dicionário são esclarecedores desse elo histórico. O verbe *Corpo/Corporeidade* afirma o corpo feminino como fruto de uma história de dominação de forma que a diferença sexual é continuamente construída no sentido de manter o padrão heterossexual. Na ideologia do patriarcado, a mulher se associa ao biológico e à reprodução; o homem, à mente e à razão, o que se articula à concepção de um feminino frágil e irracional, inferior ao masculino.

O termo *Androcentrismo* revela um padrão androcêntrico na sociedade que, por sua hegemonia, é naturalizado na cultura. A partir do verbe *Construção Social de Gênero*, por exemplo, pode-se compreender a mensagem dos estudos feministas e de gênero que desde os anos 1980 têm descortinado os processos de construção social e política que definem os lugares de homens e mulheres nas sociedades.

O verbe *Divisão Sexual do Trabalho* nos ajuda a compreender as relações de poder e as desigualdades sociais materializadas historicamente. Uma divisão sexuada da produção e reprodução, das ocupações, tarefas, ofícios, profissões que concretizam as relações sociais de sexo. Já o verbe *Exploração do Trabalho* problematiza o conceito de exploração do trabalho, que se baseia na apropriação do capitalista (proprietário dos maquinários e insumos) do tempo assalariado dos trabalhadores. Aponta que esse conceito não incorpora o trabalho de reprodução da vida - o trabalho doméstico, baseado em relações afetivas da família e na disponibilidade materna e conjugal das mulheres. Indica que se, no Brasil, o trabalho doméstico fosse computado haveria aumento significativo no Produto Interno Bruto (PIB). De acordo com dados estatísticos, 90% das mulheres trabalhadoras e apenas 50% dos homens realizam tarefas domésticas. As mulheres gastam 26 horas semanais com essas tarefas e os homens, apenas 10 horas.

O verbe *Mulheres Operárias* traz um resgate histórico da formação industrial brasileira e a participação das mulheres nesse processo, especialmente na indústria têxtil. Aborda os movimentos de resistência, as ideias libertárias e a denúncia dos baixos salários, da opressão sexista, tanto dos patrões como da família operária.

O Dicionário, além de fornecer definições conceituais e políticas organizando e disponibilizando o conhecimento teórico sobre o tema, tem o grande mérito de incorporar termos e definições que servem de referência para os

profissionais que atuam no atendimento a mulheres, jovens e idosas, vítimas das mais diversas formas de violência: sexual, física, psicológica, emocional, moral e social. Isso se expressa no seu subtítulo – *acolhimento e diagnóstico de mulheres em situação de violência* – revelando seu caráter pedagógico e seu papel junto a instituições no apoio à gestão das práticas.

Nesse sentido, o verbete *Escuta* lembra que a noção de acolhimento é essencial na atuação dos profissionais que atendem mulheres em situação de violência, que devem utilizar ferramentas de escuta qualificada no sentido de assegurar a atenção integral e responsável dos problemas pertinentes à situação. Essa postura é fundamental quando temos no verbete *Aborto* a informação de que a cada ano cerca de 230 mil mulheres se internam no Sistema Único de Saúde (SUS) para tratamento de complicações decorrentes de abortos inseguros.

Em *Agravos à Saúde* vemos como a violência afeta todas as camadas sociais, mas seus efeitos são mais prolongados entre os grupos historicamente marginalizados e vulneráveis, como por exemplo, mulheres, negros, indígenas, gays, lésbicas e transgêneros, constituindo-se assim, em fenômeno social que influencia sobremaneira o modo de viver, adoecer e morrer dessas populações.

Nesse escopo, temos um verbete original *Invisibilidade Social da Idosa* que identifica como a invisibilidade das mulheres abarca duas dimensões: de gênero e geracional. Ressalta o quanto as próprias abordagens teórico-metodológicas do feminismo têm negligenciado as especificidades que o envelhecimento traz à opressão vivida pelas mulheres.

Essas situações de violência que ocorrem nas diversas sociedades, em todo o mundo, levaram a Assembleia Geral das Nações Unidas, a partir de 1993, em resposta às denúncias dos movimentos de mulheres, a aprovar a Declaração sobre a Eliminação da Violência contra a Mulher, por meio da resolução n. 48/104, um marco na doutrina jurídica internacional como podemos verificar no verbete *Convenção de Belém do Pará*.

No Brasil, já em 1985, havia sido criado o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, vinculado ao Ministério da Justiça, levando à criação de secretarias e coordenações de mulheres nos entes subnacionais. Essas organizações fortaleceram ações e projetos para reduzir a vulnerabilidades das mulheres excluídas, com poucas oportunidades de estudo e trabalho, garantir os direitos sexuais e reprodutivos, bem como e combater a violência doméstica, o racismo e o preconceito, informações essas disponibilizadas no verbete *Coordenadorias da Mulher*.

O verbete *Delegacia de Mulheres* complementa o tema, ao constatar o assassinato de mais de 92 mil mulheres entre 1980 e 2010 no Brasil, trazendo um verdadeiro mapa da violência; destaca-se que foram 43,7 mil na última década. As estatísticas revelam um total superior a 4,5 mil assassinatos de mulheres cujos autores são majoritariamente pessoas que tinham vínculo afetivo com as vítimas sendo, frequentemente, maridos, companheiros, namorados ou amantes.

O importante verbete *Lei Maria da Penha*, retrata a Lei n. 11.340, publicada em 2006, que cria os Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher como forma de coibir a violência doméstica contra a mulher. Como apontado no verbete, se trata de transferir a violência conjugal do espaço da intimidade para o âmbito das políticas públicas.

Pode-se dizer que a apresentação das temáticas dos *Direitos Humanos*, das *Políticas Públicas de Gênero*, do *Programa Nacional Pró-Equidade de Gênero* na forma de um *Dicionário* cai como uma luva ao nos fazer pensar no quanto é preciso conscientizar os grupos sociais em relação a suas práticas e seus desafios na área das desigualdades de gênero. Conscientizar no sentido da compreensão dialógica e partilhada dos conceitos, de sua construção, dos seus significados, enfim, do sentido atribuído pela sociedade às relações de gênero e suas intercessões com os Direitos Humanos. Neste sentido, o *Dicionário* pode ser visto como um instrumento para trabalhar conceitos através do princípio fundamental da igualdade de direitos. Trabalho a ser feito e que não deve ser encarado como “problema de mulher”, mas como um entrave para o estabelecimento do princípio da igualdade e da liberdade humanas, direitos de todas e de todos.

Assim, políticas e ações de enfrentamento à violência contra as mulheres exigem atuação conjunta e envolvimento de diversos setores do Estado, tais como a saúde, a educação, a assistência social, a segurança pública, a cultura, a justiça entre outros, a fim de garantir os direitos das mulheres e uma vida sem violência, como abordado no verbete *Assistência às Mulheres em Situações de Violência*.

Dessa forma, a obra dá ao leitor a oportunidade de compreender e participar do trajeto que vai do estranhamento em face de um Dicionário em moldes pouco usuais ao reconhecimento da infâmia como fenômeno social, abordando instrumentos e ações que expressam transformações e avanços. Fenômeno que deixa de ser naturalizado e se transforma em inaceitável para uma sociedade que se quer civilizada e solidária.

Esse tema aponta para questões profundas enraizadas na cultura brasileira, onde o desafio social passa a ser muito grande e exige compromisso de todos. Nesse sentido, o verbete *Assédio* indica que transformações justas e igualitárias nas relações de gênero demandam uma revisão crítica não só das práticas, mas também dos pressupostos teóricos da linguagem que as sustenta. E, como todas as mudanças exigem muito trabalho e comprometimento da sociedade, chegamos a um verbete muito especial do *Dicionário* e que também nos faz ver seu valor como obra de referência. É o verbete *Utopia*, que nos lembra que as conquistas legais não reduziram as estatísticas da violência sexista. Apesar de ser signatário de todos os acordos internacionais que repudiam a violência contra a mulher, o Brasil vivencia uma realidade paradoxal com relação aos compromissos assumidos internacionalmente. É que o respeito à igualdade de direitos e oportunidades de mulheres e homens se mantém em um cenário desafiador e utópico no Brasil. Utopia que queremos, mas que também nos desafia imediatamente, agora, como mulheres, homens, de todos os gêneros e opções. E que a história da infâmia não mais se confirme.

Recebido em dezembro em 2016

Aprovado em fevereiro de 2017

